

Siza e Cargaleiro: diálogos entre arquitetura e arte

Raul Penteado Neto*
Joubert José Lancha*

Resumo Este artigo explora relações entre o arquiteto Álvaro Siza (1933) e o artista Manuel Cargaleiro (1927-2024), tentando identificar as colaborações e influências mútuas na produção de ambos, propondo que a intensa relação entre estes personagens maiores da arquitetura e arte em Portugal poderão ter deflagrado transformações em suas obras. Este presente recorte de estudo apresenta as obras em que Siza e Cargaleiro estiveram envolvidos diretamente e o desenlace e conflagração dessa convivência no Museu-Oficina Manuel Cargaleiro (2000-16), no Seixal, nas cercanias de Lisboa, Portugal. O método utilizado para demonstrar o pressuposto é o de Revisão Bibliográfica sobre os personagens tratados, com apoio em ensaio fotográfico de projetos e obras selecionados. Este trabalho busca evidenciar os modos contemporâneos de se relacionar os contextos, que podem sugerir e indicar renovações procedimentais. Ilumina o poder da contingência e dos encontros profissionais como informadores da solução arquitetônica e artística.

Palavras-chave: arquitetura portuguesa, arte portuguesa, Álvaro Siza, Manuel Cargaleiro.

Siza y Cargaleiro: diálogos entre arquitectura y arte

Resumen Este artículo explora la relación entre el arquitecto Álvaro Siza (1933) y el artista Manuel Cargaleiro (1927-2024), con el objetivo de identificar sus colaboraciones e influencias mutuas en sus producciones. Propone que la intensa relación entre estas figuras clave de la arquitectura y el arte portugueses pudo haber impulsado transformaciones en sus trabajos. Este estudio se centra en las obras en que Siza y Cargaleiro participaron directamente, y en el desarrollo y culminación de esta colaboración en el Museo-Taller Manuel Cargaleiro (2000-2016) en Seixal, cerca de Lisboa, Portugal. El método empleado para demostrar esta premisa es una revisión bibliográfica de las figuras estudiadas, complementada con ensayos fotográficos de proyectos y obras seleccionados. Este trabajo busca destacar las formas contemporáneas de relacionarse con los contextos, que pueden sugerir e indicar innovaciones procedimentales. Ilumina el poder de la contingencia y dos encuentros profesionales como fuentes de información para soluciones arquitectónicas y artísticas.

Palabras clave: arquitectura portuguesa, arte portuguesa, Álvaro Siza, Manuel Cargaleiro.

Siza and Cargaleiro: dialogues between architecture and art

Abstract This article explores the relationship between the architect Álvaro Siza (1933) and the artist Manuel Cargaleiro (1927-2024), attempting to identify their collaborations and mutual influences on their work. It proposes that the intense relationship between these major figures in Portuguese architecture and art may have triggered transformations in their works. This study focuses on the works in which Siza and Cargaleiro were directly involved, and the unfolding and culmination of this collaboration at the Manuel Cargaleiro Museum-Workshop (2000-16) in Seixal, near Lisbon, Portugal. The method used to demonstrate this premise is a Bibliographic Review of the figures studied, supported by photographic essays of selected projects and works. This work seeks to highlight contemporary ways of relating contexts, which can suggest and indicate procedural innovations. It illuminates the power of contingency and professional encounters as informants of architectural and artistic solutions.

Keywords: portuguese architecture, portuguese art, Álvaro Siza, Manuel Cargaleiro.

A arquitetura e arte portuguesas estiveram próximas em muitas ocasiões, especialmente ao longo da segunda metade do século XX. Em alguns casos, estiveram tão próximas que se acharam entrelaçadas, costuradas, tecidas em conjunto. Muito dessa união ocorreu a partir do permanente diálogo entre arquitetura e arte estabelecidos no país. A formação dos arquitetos e artistas em escolas de belas-artes até meados dos anos 1980 (LAND et al., 2005) fez dos arquitetos íntimos dos procedimentos dos artistas e vice-versa. Alguns casos são realmente exemplares do profundo diálogo travado entre as disciplinas e entre alguns de seus mais importantes representantes.

A contribuição deste artigo reside em iluminar os eventuais diálogos entre a vida e obra do arquiteto Álvaro Siza (1933) e do artista Manuel Cargaleiro (1927-2024), recém-falecido. Manuel Cargaleiro é considerado um dos mais importantes artistas portugueses. Apesar de formado em geografia e ciências naturais, acaba por se dedicar exclusivamente às artes visuais. Sua primeira participação em uma exposição data de 1949 (NUNES, 2005). Colecionou prêmios, com obras na França, Itália e em várias cidades de Portugal. Em seus setenta e cinco anos de carreira, utilizou os mais diversos tipos de suporte para sua arte, como gravação, ilustração, pintura, tapeçaria, utensílios, sendo reconhecido internacionalmente pela sua multicolorida azulejaria.

Álvaro Siza é considerado o principal arquiteto ainda em atividade em Portugal. Formado na Escola de Belas Artes do Porto, auferiu, nos seus quase setenta anos de carreira, diversas premiações nacionais e internacionais, com destaque para o prêmio Pritzker em 1992. Tem vasta produção em Portugal e Europa, expandindo sua atuação nas últimas décadas para as Américas e Ásia. Além da prática da arquitetura, acumula ainda a do desenho, do mobiliário, de utensílios, joias, escultura e azulejaria (SOUTO e PAIS, 2019).

Para a elaboração deste artigo, foi realizada uma revisão de literatura relacionada às tangências e relações históricas existentes entre esses dois personagens portugueses. Siza e Cargaleiro trabalharam em conjunto em diversos momentos em diferentes projetos. Para tanto, foram investigados os projetos de arquitetura encomendados por Cargaleiro ao arquiteto Siza em diversas versões e escalas, com destaque para a última versão construída, o Museu-Oficina Cargaleiro (2000-16), em Seixal, Portugal. Em paralelo, foram destacadas algumas pinturas paradigmáticas do artista Cargaleiro, que demonstram seus principais procedimentos pictóricos, com destaque para a instalação “Arlequim” (2003-04), realizada no Parque da Cidade de Castelo Branco, Portugal, que mistura escultura, arquitetura e azulejaria. Foram revistas as obras em que cada um desses personagens supostamente teria ultrapassado a sua zona disciplinar e invadido o campo de atividade do outro autor: Siza na produção da azulejaria e Cargaleiro dialogando com a arquitetura e escultura.

No decorrer do texto, são exploradas as principais colaborações ao longo dos anos e que podem ter incentivado cada um a ultrapassar o seu campo disciplinar e experimentar outra atividade artística. Para tentar demonstrar estas interrelações, influências e

* Raul Penteadó Neto é Arquiteto e Urbanista, Pós-doutorando (2025-) pelo Instituto de Artes da Unicamp, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5614-2193>>. Joubert José Lancha é Arquiteto e Urbanista, Professor Titular no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-1690-6857>>.

interdisciplinaridades, foram selecionados alguns projetos e obras de ambos em que se supõem ter havido cruzamentos ou sutis correspondências.

Diálogos

A história destes dois personagens maiores da arte e arquitetura se cruzou em diversos momentos, estabelecendo uma sólida amizade, ao longo do tempo. “O Siza e o Cargaleiro são amigos de longa data” (SILVA apud PENTEADO NETO, 2023). Esta relação construída no tempo pode ter se intensificado a partir das diversas colaborações mútuas em uma série de projetos, desde o começo dos anos 1990.

Destacam-se, dentro desta colaboração mútua, alguns projetos considerados *especiais* dentro do contexto da carreira do arquiteto Siza. Apesar de ter experimentado pioneiramente (SOUTO e PAIS, 2019) a produção da azulejaria no painel “*Batismo*” com a gravação de um desenho “alusivo ao batismo de Cristo” (COUTINHO, 2016, p.36) para o batistério da Igreja do Marco de Canaveses (1990-96), Siza procurará o apoio do artista Manuel Cargaleiro para ajudar a definir a coloração dos painéis de azulejos utilizados nos revestimentos de dois importantes projetos em Lisboa, como para o Complexo Habitacional Terraços de Bragança (1991-2004) e para o Pavilhão de Portugal da Expo 98 (1995-98).

No projeto do complexo habitacional, as

Figura 1: Cargaleiro (esq.) e Siza (dir.), sem data. Fonte: Nunes (2005, p. 77).

Figura 2: Painel “Batismo” no Batistério da Igreja do Marco (1990-96), Álvaro Siza. Fonte: elaborada pelos autores, 2016.

(...) diferentes fachadas do complexo são revestidas em cinco diferentes cores que podem ser associadas com o céu e com a luz refletida do sol, à medida que se move através das diversas fachadas. Também pode ser atribuído a escala dominante de cores dos azulejos utilizados nesta área urbana (...). O pintor Manuel Cargaleiro foi responsável por alcançar esta faixa de cor. (SOUTO e PAIS, 2019, p.162)



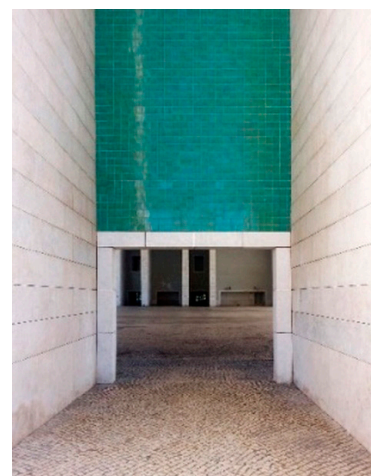
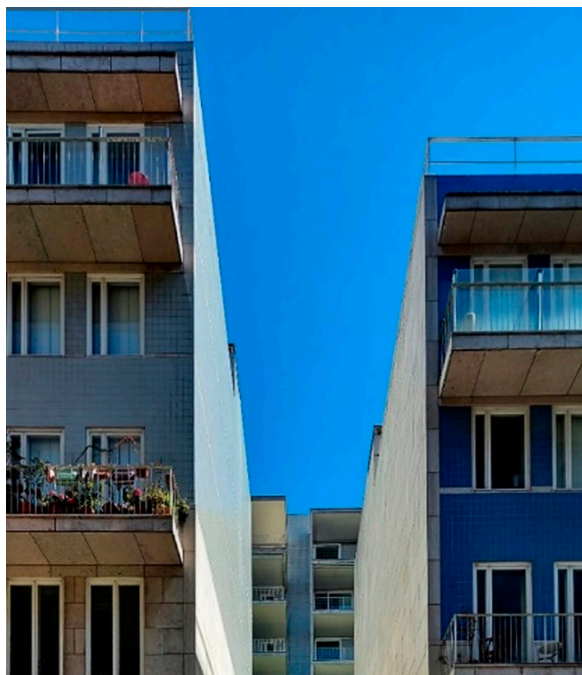


Figura 3: Terraços de Bragança (1991-2004) e Pavilhão de Portugal (1995-98), Álvaro Siza. Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Figuras 4 e 5: Painéis do Pavilhão de Portugal (1995-98), Álvaro Siza. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

No Pavilhão de Portugal (1995-98), no contexto da Expo 98, os painéis de azulejo foram “produzidos pelo pintor Manuel Cargaleiro na Fábrica Viúva Lamego, que procurou alcançar tons específicos de verde e vermelho” (SOUTO e PAIS, 2019, p.177). Nota-se que as cores adotadas para o pavilhão e concentradas nas paredes que apoiam a grande *pala* ou *laje suspensa* são importantes na caracterização do edifício, produzido com o duplo propósito de celebrar o tema “Os oceanos: um patrimônio para o futuro” e os “500 anos dos descobrimentos portugueses”. As cores adotadas parecem aludir às cores de Portugal e ao mesmo tempo ao mar e ao sangue derramado nas invasões territoriais além-mar (BRANCALÃO, 2022).



Figuras 6 e 7: Azulejos da Estação do Metrô Baixa-Chiado em Lisboa (1997), da Estação do Metrô São Bento do Porto (1997). Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Em todos estes casos, a Fábrica da Viúva Lamego, uma das mais importantes e tradicionais em Portugal, foi a produtora das peças e se tornou a principal parceira de Álvaro Siza nos demais projetos de painéis de azulejo que o arquiteto virá a produzir posteriormente para: a Estação do Metrô Baixa-Chiado em Lisboa (1997), na Estação do Metrô São Bento do Porto (1997), no Pavilhão de Portugal em Hannover (2000), atualmente implantado em Coimbra, no Spa Pedras Salgadas (2007-09), em Vila Pouca de Aguiar, entre outras peças exclusivas como pratos e placas (SOUTO e PAIS, 2019).

Começa a haver, portanto, uma investigação em campos correlatos ao da arquitetura, primeiramente em complementação às obras projetadas e, num segundo momento, em resposta a encomendas diretas ou de maneira espontânea. Isto reforça como Siza, ao longo de sua trajetória, vai acolher com empatia os encontros fortuitos e todas as novas experiências que lhe proporcionarão, utilizando os eventos ocasionais como gatilhos de inovação em novos projetos, confirmando o que escreve no texto “Projectar”, de 2005:

Projectar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas, entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões cheiros e ruídos, encontros ocasionais (...). Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. (SIZA, 2019a, p. 219)

Após estes primeiros contatos preliminares entre Siza e Cargaleiro, estabelece-se uma maior aproximação que culminará em sucessivas encomendas de projetos do artista ao arquiteto, com o intuito de salvaguardar a sua grande produção. Neste contexto, foram elaboradas diferentes versões de equipamentos culturais para acomodar e expor a produção de Cargaleiro (MELO et al., 2018). Desta série de projetos, o primeiro elaborado para salvaguardar a produção do artista Cargaleiro, segundo Castanheira e Fernandes (2005), data de 1991, sendo intitulado “Fundação Manuel Cargaleiro I”, e tratou-se, segundo Siza, de

(...) um projecto para uma zona urbana central, a Praça de Espanha, em Lisboa, fazendo parte de um plano que eu próprio desenvolvi. A sua forma tem que ver com a definição de volumes em todo o espaço da Praça de Espanha e da Avenida da Malhoa. O volume é fragmentado: há um corpo principal que rodeia um pátio e um corpo de maior altura, com vários pisos, elevado sobre um pilar, de maneira a manter a transparência no rés-do-chão. As salas são muito variadas, constituem uma sequência contínua, incluindo rampas e escadas. É um espaço muito variado destinado a um museu onde seria exposta sobretudo cerâmica. Colocavam-se, portanto, problemas diferentes dos dois museus de arte contemporânea anteriormente realizados, quer em relação a luz, quer em relação ao próprio espaço. (SIZA apud CASTANHEIRA e FERNANDES, 2005, p. 129)

Figuras 8 e 9: Pavilhão de Portugal em Hannover (2000), atualmente em Coimbra, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura. Fonte: elaboradas pelos autores, 2017.

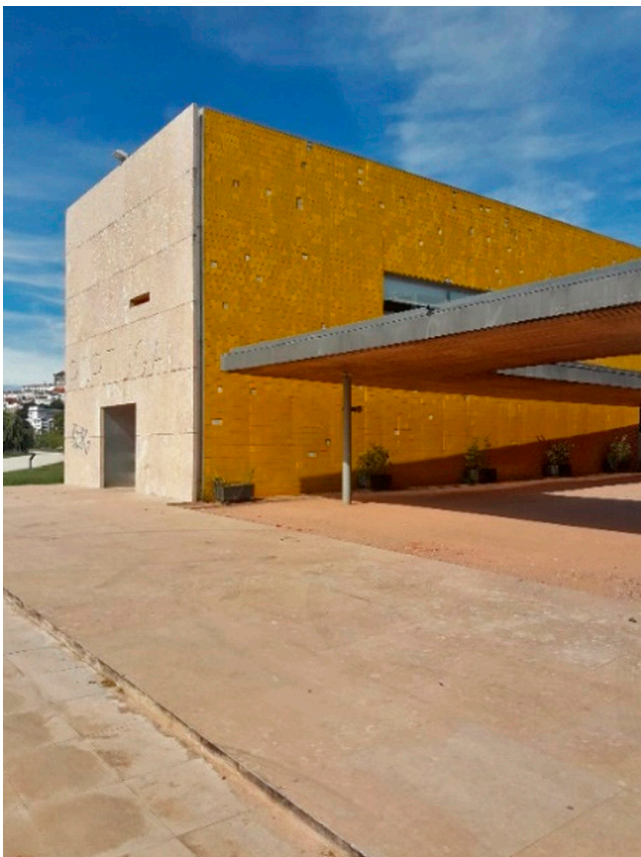
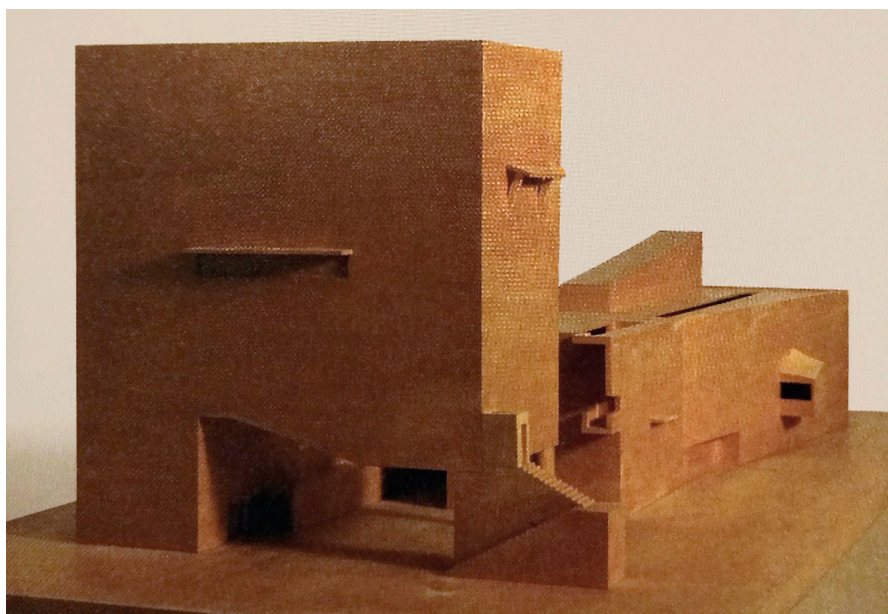


Figura 10: Foto da maquete da Fundação Manuel Cargaleiro I (1991-95), Lisboa, Álvaro Siza. Fonte: Castanheira e Fernandes (2005, p. 138).

Figura 11: Foto da maquete da Fundação Manuel Cargaleiro II (2000-), Seixal, Álvaro Siza. Fonte: Castanheira e Fernandes (2005, p. 295).

Na foto da maquete elaborada para o projeto, nota-se uma proposta de uma edificação fragmentada e verticalizada, que segue e, ao mesmo tempo, inova no contexto da produção do arquiteto naqueles anos. Além disso, recontextualiza alguns contornos empregados no projeto para a FAUP (1986-1993), adaptados a esta nova realidade urbana, em torno da Praça de Espanha, em Lisboa, abre generosamente uma passagem por baixo do volume vertical e concentra as aberturas, protegendo-as com palas da insolação direta, como ocorre em outras obras.

A segunda versão, datada de 2000 e intitulada “Fundação Manuel Cargaleiro II”, é um projeto com escala reduzida em relação ao anterior e predominantemente horizontal, apresentando outras escolhas mais ligadas à topografia do terreno em que está inserido, agora na cidade do Seixal, nas cercanias de Lisboa. Um projeto que apresenta uma série de pavilhões com contornos curvos espalhados pelo lote, conformando um pátio central.



Nas palavras de Siza, trata-se de

um projecto executado para o Seixal, falhado que foi o primeiro plano, o Cargaleiro I. A Câmara do Seixal manifestou a Cargaleiro a disponibilidade para construir um edifício que seria constituído por uma área expositiva, um restaurante, destacado do volume do museu, um ateliê para o artista e outros ateliês para aprendizagem, nomeadamente para uma escola de cerâmica. Tudo isso se localiza dentro de um parque, um grande e magnífico espaço com vista sobre o rio Tejo que a Câmara pretende transformar em parque da cidade. O projecto acompanha a acidentada topografia e compreende o estudo dos percursos de acesso, de modo a participar e oferecer boas condições à organização do parque. O acesso faz-se (...) pela cota mais alta, descendo-se até uma sala final de exposições temporárias de grandes dimensões. (SIZA apud CASTANHEIRA e FERNANDES, 2005, p. 285)

Na foto da maquete do projeto, verifica-se também uma volumetria dispersa e fragmentada, de gabarito predominantemente baixo, que segue as curvas de nível da topografia do lote. O que antecipa, de certo modo, alguns contornos recontextualizados posteriormente no projeto para o Pavilhão Anyang (2005-06), construído na Coreia do Sul.

A terceira e última versão, definitivamente construída e finalizada no ano de 2016, ficou permanentemente situada na cidade do Seixal, na zona da Arrentela, numa versão reduzida em relação ao estudo anterior, agora intitulada “Museu-Oficina de Artes Manuel Cargaleiro”. E continuou sendo proposta dentro de um parque público, num sítio muito especial: “na Quinta da Fidalga, na zona ribeirinha de Arrentela, com vista sobre o rio Tejo” (MELO et al., 2018, p. 216). Este projeto, com dimensão menor do que todos os anteriores, parece depurar, geometrizar e recontextualizar as versões anteriores, neste contexto tão especial.

A Quinta, cuja origem remonta ao século XV, possui um jardim com numerosas espécies vegetais. O espaço expositivo será construído na parte do jardim onde actualmente existe um court de ténis, terreno plano delimitado por muros baixos. (SIZA apud LEAL, 2020, p.109)

A propriedade em que o museu-oficina está instalado, originalmente conhecida como Quinta do Vale do Grou, é, segundo Serrão (2023), um exemplo das propriedades agrícolas do centro-sul do país. Além da residência principal, a quinta destaca-se por seus notáveis jardins, que preservam belos painéis de azulejos, mirante, fontes e um raro *lago de maré*. No decorrer do século XX, o arquiteto Raul Lino (1879-1974) ainda projetou uma série de intervenções arquitetônicas na Quinta da Fidalga (SERRÃO, 2023), o que a torna um local ainda mais especial.

Atualmente, a Quinta da Fidalga funciona como um parque público que abriga uma série de equipamentos culturais: o Palacete da Fidalga, os Jardins da Fidalga, que contém um campo de buchos, entremeado por caminhos cobertos por trepadeiras, o Centro internacional da Medalha contemporânea e o Museu-Oficina de Artes Manuel Cargaleiro, este último projetado por Álvaro Siza.



Figura 12: Fotomontagem com Vista aérea e foto do Mapa da Quinta da Fidalga, Seixal. Fonte: Google Earth e autores, 2023. Editada pelos autores.

O Museu-Oficina de Artes Manuel Cargaleiro (2000-16)

Figura 13: Implantação do Museu-Oficina Manuel Cargaleiro (2000-16), Álvaro Siza. Fonte: Google Earth, maio/2024. Editada pelos autores.

Figura 14, 15 e 16: Fotomontagem com sequência de trechos do percurso de entrada ao Museu-Oficina. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Como costuma operar nos projetos, Siza irá dialogar com o contexto em um sentido *lato*, apoiando-se em todo significado evidente, subjacente e exclusivo que o local de implantação lhe fornecerá. E faz menção ao raro *lago de maré*, delimitando um pátio gramado com um *banco-mureta* de granito, de geometria retangular com proporção aproximada.

Siza utiliza os Jardins da Fidalga para estabelecer uma *mise-en-scène* no longo percurso de acesso ao museu-oficina. O caminho, uma espécie de *labirinto florido*, coberto por trepadeiras, encanta e distrai, fazendo esquecer o propósito da visita ao longo do passeio. Logo no começo do trajeto, uma escada conduz ao topo de um mirante, que reapresenta a paisagem fora dos muros da Quinta.

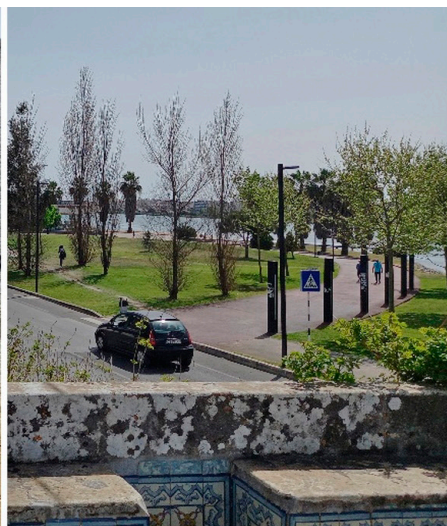
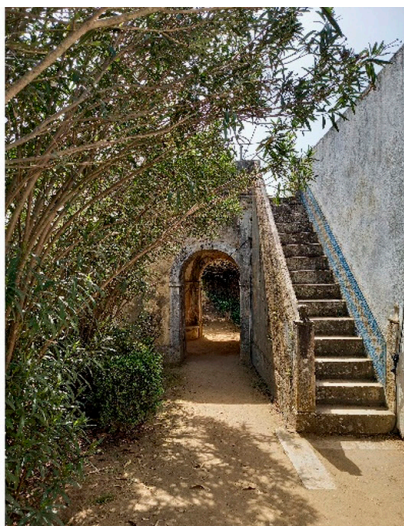
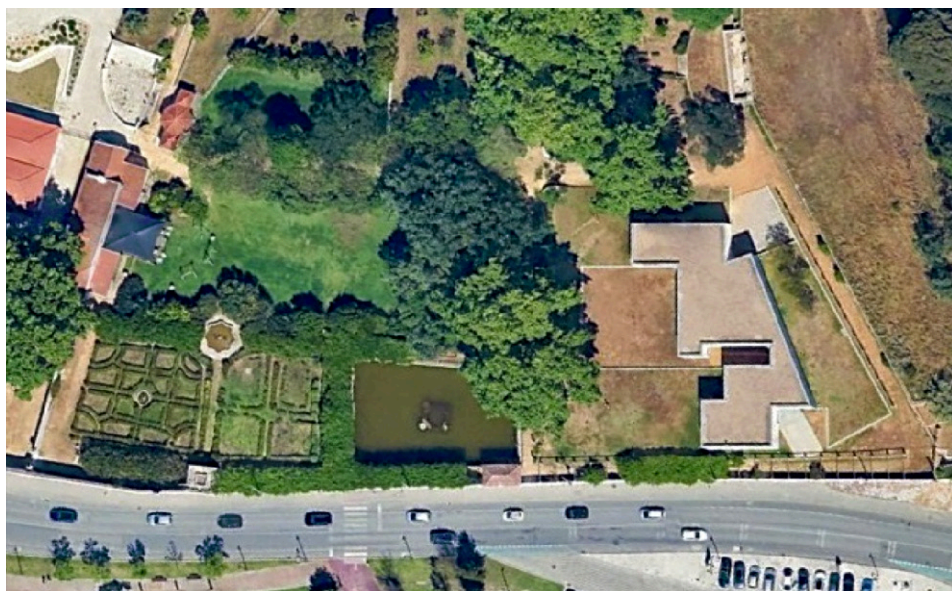




Figura 17, 18 e 19: Fotomontagem com sequência de trechos do percurso de entrada ao Museu-Oficina. Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Figuras 20, 21 e 22: Fotomontagem com sequência de trechos do percurso de entrada ao Museu-Oficina. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

De volta ao percurso no nível do chão, percorre-se o jardim labiríntico através de uma trama de pérgulas cobertas por trepadeiras floridas, passando pelas fontes antigas, pelo *lago de maré* e por pequenas construções revestidas de azulejo, que continuam a captar toda a atenção, antes da edificação insinuar-se, distante, no fundo do terreno. O caminho faz lembrar o acesso ao Museu de Serralves (1991-96), cuja entrada também fica ao final de um longo muro coberto.

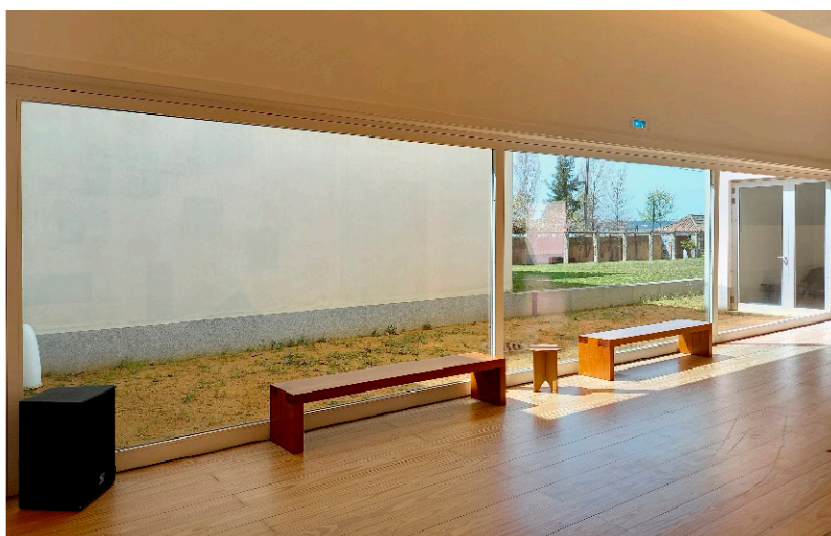
O prédio que abriga o equipamento cultural estabelece interessantes relações com o terreno em que está situado. Apesar da possibilidade de vista para as águas do Tejo por cima dos muros da propriedade, numa eventual implantação numa cota mais elevada, Siza propõe uma edificação discreta, mantendo o protagonismo do jardim preexistente, como observado por Ana Silva, colaboradora do arquiteto nesta obra:

No conjunto quis diminuir o impacto de sua própria aparição, atém-se, para isso, sobre o que a sua função deve aos corpos que no seu interiorse movem, repercutindo neles, condicionando-os a bem estar. (SILVA apud LEAL, 2020, p. 110)

Figuras 23 e 24: Aberturas e visuais enquadrados. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Figuras 25 e 26: Aberturas e visuais enquadrados. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Uma vez mais, como já realizado anteriormente, por exemplo, no museu para a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, o arquiteto português lacra o espaço de exposições e permite a visualização exterior apenas por algumas poucas e dosadas aberturas, entradas e saídas, em cantos estratégicos, ampliando a potência das visuais enquadradas e protegendo o interior da edificação do sol direto.

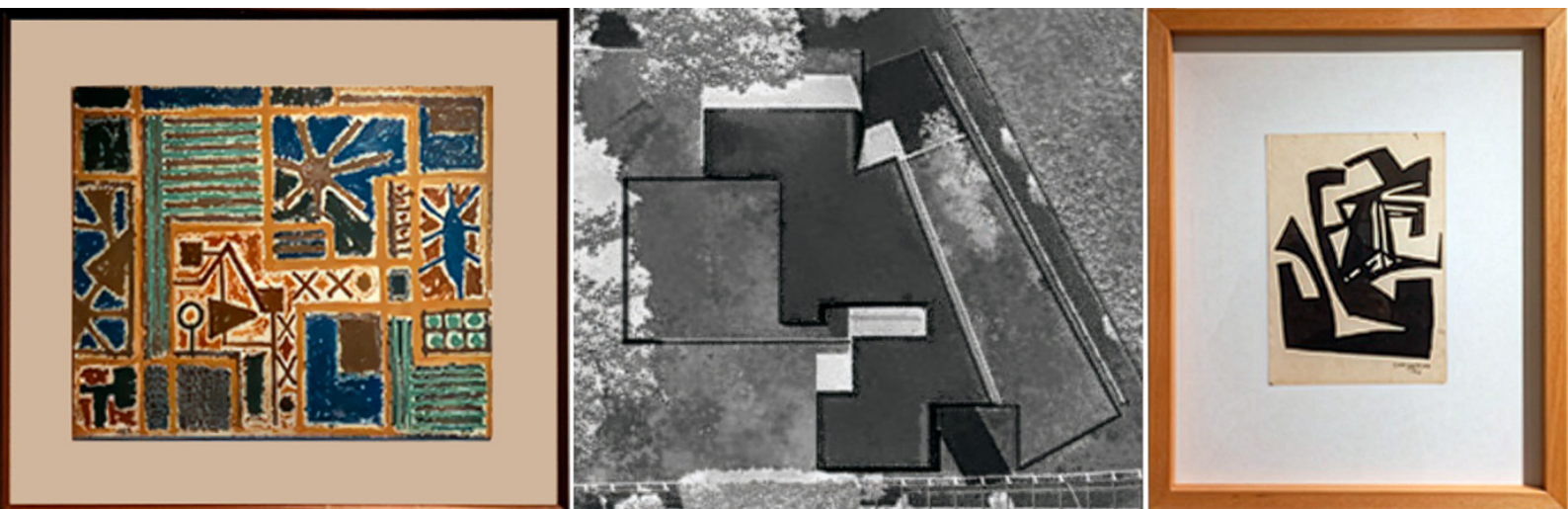


Na sua longa jornada de setenta anos de atuação, um dos dispositivos que o arquiteto Siza encontrou para fugir da armadilha da repetição foi tirar proveito das peculiaridades intrínsecas e únicas presentes em cada novo projeto. Aos poucos, vai ficando mais evidente nesta obra no Seixal, mais uma vez, a relação indireta e natural que vai sendo construída com as singularidades desta encomenda, especialmente com alguns procedimentos observados em trabalhos do artista Manuel Cargaleiro, a quem se destina o edifício. Profundo conhecedor da produção de Cargaleiro, Siza revela admirar a obra do artista em dois textos. No primeiro escrito em 1997, elogia a técnica do artista, que sofre diversas transformações ao longo do tempo, desde a década de 1950, anos em que produz pequenos guaches e óleos: “A sabedoria técnica, a inteligênciag, a experiência que a obra [de Manuel Cargaleiro] revela são parte de um gesto que continua irreprimível, um gesto de alegria original” (SIZA, 2019a, p. 132).

Figuras 27, 28, 29: Fotomontagem com as obras *Estrela do Norte* (1952), óleo sobre plastex (esq.) e *Sem título* (1953), guache sobre papel (dir.), Manuel Cargaleiro; Implantação do Museu-oficina Manuel Cargaleiro (2000-16), Álvaro Siza (embaixo). Fonte: fotos das peças de Cargaleiro, elaboradas pelos autores, 2023; implantação coletada no Google Earth, editada pelos autores.

No segundo texto, de 2016, repleto de ambiguidade, Siza comenta sobre as *explosões* presentes no museu do Seixal: “O museu do Seixal não é mais do que um contentor de uma explosão de talento e vitalidade, pronta a invadir casas e espaços públicos” (SIZA, 2019b, p. 20).

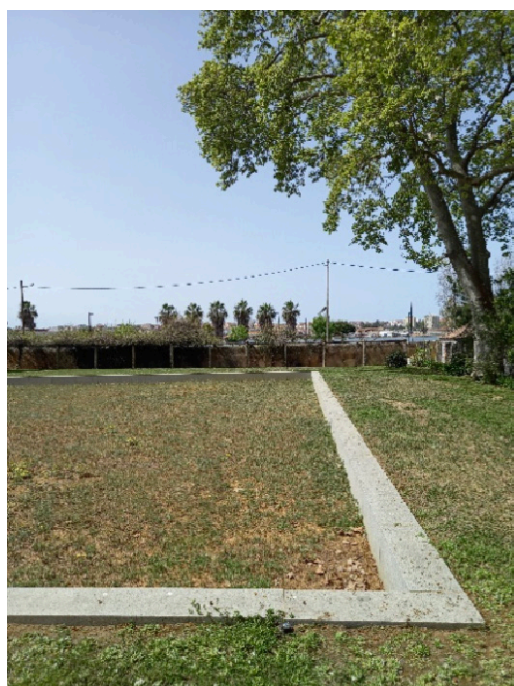
A implantação entrecortada do museu-oficina de Seixal, com extremidades que se jogam em várias direções, como numa *explosão*, fazem lembrar alguns trabalhos do artista Manuel Cargaleiro, fotografados em seu principal Museu, situado na cidade de Castelo Branco, a quase duas horas de Lisboa.



Figuras 30 e 31: Começo do percurso até a porta do Museu-Oficina Manuel Cargaleiro (2000-16). Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Figuras 32 e 33: Bancos-muretas niveladores e marcadores topográficos, fotografados na Fundação Cargaleiro, Castelo Branco. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Outro aspecto presente em diversas obras de Cargaleiro, o cruzamento de vetores diagonais, horizontais e verticais que delimitam campos de cor, também faz lembrar a implantação fragmentada e os espaços gramados delimitados por bancos-muretas de granito, propostos por Siza na obra no Seixal.



Ao chegar à porta de entrada do museu-oficina, nota-se a inteligência na escolha da implantação da edificação que só é vista completamente ao final do percurso através das pérgulas. A porta de entrada é bem demarcada: uma abertura transparente recuada no encontro perpendicular de duas paredes. Este recurso também é utilizado em outros cantos do prédio, o que lhe confere um caráter de massa escultural, sem a presença aparente de elementos assumidamente arquitetônicos como janelas ou portas opacas e pequenas. Vê-se apenas “furos”.

Imediatamente emergem à memória algumas peças do escultor do País Basco, Eduardo Chillida, cuja obra também é conhecida em profundidade pelo arquiteto Siza. A escavação dos volumes seguindo procedimento equivalente e a fragmentação *explodida* do corpo do museu caminham na direção de uma já reconhecida arquitetura da “hiper-referenciação”, ou da “diluição de referências”, em que distintas estratégias estéticas são pinçadas e misturadas criticamente, tendo sua aplicação recontextualizada em uma nova circunstância.

Figuras 34 e 35: Aberturas concentradas nos encontros perpendiculares de paredes. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.





Figuras 36 e 37: Obras de Eduardo Chillida, registradas no Museu Chillida-Leku, em San Sebastián. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Figuras 38 e 39: Obras de Manuel Cargaleiro, registradas no Museu Manuel Cargaleiro de Castelo Branco. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

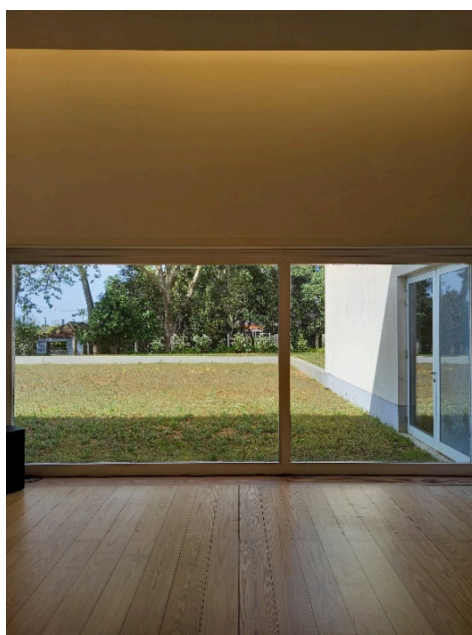
Conforme a arquiteta Ana Silva, coordenadora da fase final deste projeto no interior do ateliê do arquiteto português, Cargaleiro e Siza são amigos de longa data e “conhecem a sua obra mutuamente em profundidade” (SILVA apud PENTEADO NETO, 2023, p. 313). Como vimos anteriormente, a colaboração mútua em diversos projetos pode abrir espaço para diálogos e correspondências, terreno sempre pantanoso, no caso de Siza, acostumado a beber em toda e qualquer fonte poética.

Ainda segundo Ana Silva, se houver alguma influência de Cargaleiro nesta obra, não seria direta e premeditada: “Mas se há alguma interferência da obra do Cargaleiro na obra do Siza? Neste aspecto, eu me remeto novamente para o campo do inconsciente, porque os princípios arquitetônicos predominam na obra” (SILVA apud PENTEADO NETO, 2023, p. 313).

Figuras 40 e 41: Interiores do Museu-Oficina Manuel Cargaleiro (2000-16). Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Figuras 42 e 43: Interiores do Museu-Oficina Manuel Cargaleiro (2000-16). Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Internamente, em consonância com o que Ana Silva coloca, a arquitetura é contida, sem exageros, como na maioria dos espaços de exposição propostos por Siza até então: as salas têm dimensões adequadas para expor grandes peças, a iluminação artificial e indireta apoia a luz natural das aberturas estrategicamente localizadas. O piso é revestido em madeira, as paredes e os tetos são brancos. Interiormente, também há escavações de vazios nos encontros perpendiculares de paredes, com destaque para o que ocorre no hall dos banheiros públicos, no átrio de entrada do museu-oficina.



Um círculo por completar na Capela do Monte (2016-18)

A inauguração do edifício em Seixal, que ocorreu em junho de 2016, aproximou novamente os dois personagens na exposição conjunta “A Essência da Forma”, que teve lado a lado peças cerâmicas de Manuel Cargaleiro e Álvaro Siza (SERAFIM; WONG, 2016). Este novo reencontro pode ter sido mais uma fonte de inspiração ao arquiteto que, naquele mesmo ano, estava a retomar o desenho de painéis de azulejo com propósito religioso, no contexto do projeto para a Capela do Monte (2016-18), em Lagos, extremo sul de Portugal. Nesta nova, pequena e delicada obra, Siza elaborará desenhos alusivos a algumas passagens bíblicas e um salmo no interior do Hall de acesso ao edifício, todos gravados em murais de azulejo de coloração branca, contrastando com o castanho das paredes, que emula a cor predominante na paisagem do Algarve.

Figuras 44 a 48: Fotomontagem com Painéis de Azulejo na Antecâmara da Capela do Monte (2016-18), de autoria de Álvaro Siza, Lagos. Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.





Figuras 49 a 52: Fotomontagem da Instalação “Arlequim” (2003-04), Manuel Cargaleiro, Parque da Cidade, Castelo Branco; Poema pintado em painel de azulejo na obra Arlequim (2003-04), Manuel Cargaleiro, Parque da Cidade, Castelo Branco (dir. acima); Fonte: elaboradas pelos autores, 2023.

Mais uma vez, neste caso, o arquiteto português parece estar em diálogo com a produção do amigo ceramista, desta vez com olhos que parecem estar mais voltados para a obra “Arlequim” (2003-04), instalada no Parque da Cidade de Castelo Branco, que também apresenta um texto gravado em azulejo. Esta obra de Cargaleiro e equipe, inovadora no contexto global de sua produção, situada no fundo do parque, num recanto rodeado de árvores, se aproxima a uma instalação artística, ou uma escultura a céu aberto, demonstrando como o ceramista também estava a procurar novos meios de se comunicar artisticamente. Pode sugerir também um olhar de Cargaleiro às esculturas de Siza, que começaram a ser produzidas com mais intensidade a partir de 1998 (SILVA, 2017).

Por fim, o painel de azulejo elaborado por Siza na Antecâmara da Capela do Monte parece completar um círculo relacionado à prática da azulejaria, que teria sido iniciado no painel realizado para o Batistério da Igreja de Marco de Canaveses, trinta e cinco anos antes. A nova obra apresenta um conjunto de desenhos que retratam cenas da

vida de Jesus Cristo, como o seu nascimento, batismo e descida da cruz. Também inclui um trecho do versículo sete do capítulo cinquenta e seis de Isaías, que diz: “Eu os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha casa de oração”. Este versículo, na sua versão integral, trata da inclusão de estrangeiros e eunucos na adoração a Deus, enfatizando que a casa de Deus será um lugar de oração para todos os povos. Trata da ideia de que Deus alegrará todos aqueles que O buscam, independentemente de sua origem ou condição, e que seu templo será um lugar de oração aberto a todos, e mostra como os promotores do projeto e o próprio arquiteto Siza acreditam nos espaços democráticos, acessíveis e sem restrições. Além disso, confirma os processos contínuos de arqueologia autônoma efetuados pelo arquiteto em sua própria obra (PENTEADO NETO, 2019), transformados e renovados pelos sucessivos encontros profissionais ao longo da vida, proporcionando inovação contínua e natural.

Considerações

A cada nova obra, fica cada vez mais difícil identificar correspondências, pois, a cada novo projeto, as referências multiplicam-se, mesclam-se, criando matizes e estratégias. E talvez este seja o gatilho da inovação contínua na produção do arquiteto Álvaro Siza: não ficar preso às certezas e, a cada novo dia, utilizar tudo o que encontra como suporte, com extrema liberdade.

No caso específico da relação com o artista Manuel Cargaleiro, apesar da autonomia adquirida por Siza ao longo do tempo na azulejaria, parece que os sucessivos diálogos com o artista instigam o arquiteto a testar novas estratégias. Os projetos elaborados inicialmente para a Fundação Cargaleiro, transformados finalmente na hipótese do Museu-Oficina no Seixal, é uma nova chance de aprendizado e renovação de procedimentos, relacionados implícita e naturalmente com a obra do artista português e com mais um universo de referências sensivelmente arbitradas.

Apesar de parecer uma edificação de dimensões modestas, quando comparada a outros espaços de exposição elaborados até então, este museu no Seixal consegue superar eventuais limites de investimento na utilização inteligente da bela e única envoltória preexistente como parte integrante do projeto. A nova edificação acaba por se tornar uma espécie de “prótese” que, ao mesmo tempo que se encaixa no contexto, transforma toda a percepção do entorno a partir do seu interior e exterior. Além disso, aproveita e destrincha a produção do amigo Cargaleiro e absorve a essência dos principais momentos de sua produção: a dinâmica oriunda do cruzamento dos vetores diagonais e horizontais que conformam campos de cores e a explosão de forma *informe* que parecem estar conjugados na volumetria e implantação do museu-oficina.

Os diálogos constantes, alguns preservados na memória de modo permanente, com os diversos interlocutores e, neste caso especial, com Cargaleiro, Chillida, Lino e com a Quinta da Fidalga, que se torna personagem protagonista no projeto para o Museu-Oficina, são fundamentais para Siza lançar-se no vazio do “ainda não pensado”. A contingência *projeta* esse museu e, anos mais tarde, *desenha* os painéis na Capela do Monte, no Algarve, completando um círculo iniciado na Igreja do Marco, em Canaveses. Projetar, para Siza, portanto, parece ocorrer em um processo de sucessivos círculos, ou em espirais, quase como os caracóis de fumaça produzidos pelo seu ato de fumar incessante.

Agradecimentos

Meu agradecimento especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financiou e proporcionou o período coberto pelo Doutorado Sanduíche em Portugal entre março e agosto de 2023, através do Edital nº 41/2017 CAPES/PRINT, processo 8887.716706/2022-00.

Referências bibliográficas

- BOFF, L. *Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito*. São Paulo: Editora Vozes, 2009.
- BRANCALIÃO, G. F. *LISBOA EXPO98: Oceanos da arquitetura e sua transformação permanente*. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura). FAU USP, São Paulo, 2022.
- CASTANHEIRA, C.; FERNANDES, J. (Org.). *Álvaro Siza: Expor / On Display*. Porto: Fundação de Serralves, 2005.
- COUTINHO, F. (Coord.). *Igreja de Santa Maria: Marco de Canaveses*. Paróquia de Fornos: Letras e Coisas, 2016.
- LAND, C.; HUCKING, K. J.; TRIGUEIROS, L. *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*. Lisboa: Editorial Blau, 2005.
- LEAL, A. (Ed.) *AMAG 18*. International architectural technical magazine: Álvaro Siza Built Works. Porto: AMAG Publisher and branding, 2020.
- LLANO, P.; CASTANHEIRA, C. *Álvaro Siza. Obras e Projectos*. Matosinhos: Electa CGAC, 1996.
- MELO, M. (Coord.); SEQUEIRA, M.; TOUSSAINT, M. *Álvaro Siza: Guia de Arquitectura: Projectos construídos Portugal / coord. ed. Maria Melo, Michel Toussaint; textos Marta Sequeira, Michel Toussaint; fot. Nuno Cera; trad. Isabel Azevedo Rodrigues*. Lisboa: A+A Books, 2018.
- NUNES, J. C. (Coord.) *Cargaleiro: 60 anos a celebrar a cor / coord. João Corrêa Nunes; textos de Paulo Henriques, António Nabais*. Castelo Branco: Museu Cargaleiro, 2005.
- PENTEADO NETO, R. *Álvaro Siza: Arqueologia, Metamorfose e Inflexão na composição da forma arquitetônica (1966-1998)*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo). IAU USP, São Carlos, 2019.
- _____. *Aires Mateus: Complexidade crítica*. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo). IAU USP, São Carlos, 2023.
- SERAFIM, T.; WONG, B. Há um novo museu de Siza Vieira com obras de Cargaleiro no Seixal. *Público on-line*, 17 de junho de 2016. Disponível em <<https://www.publico.pt/2016/06/17/local/noticia/ha-uma-nova-oficina-de-artes-no-seixal-que-quer-ficar-no-mapa-1735511>>. Acesso em maio/2024.
- SERRÃO, V. L. R. S. F. C. *Quinta da Fidalga: História da construção do espaço e o original sistema do Lago de Maré*. Dissertação (Mestrado em História da Arte). NOVAFCSH, Lisboa, 2023.
- SIZA, A. Textos 1: Álvaro Siza. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019a.
- _____. Textos 2: Álvaro Siza. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2018.
- _____. Textos 3: Álvaro Siza. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019b.
- SOUTO, M. H.; PAIS, A. N. (Org.). *Siza Vieira and the designing of objects*. Casal de Cabras: Caleidoscópio, 2019.

Recebido [Dez. 12, 2024]

Aprovado [Set. 29, 2025]